

## A MORTE ANUNCIADA DO BRAZILIANISTA

Susan Canty Quinlan  
Presidente da BRASA (Brazilian Studies Association) 2000-2002  
Departamento de Línguas Românicas  
Universidade da Geórgia  
Athens, GA, 30602-1815 USA

### **A morte anunciada do *brazilianista***

Em dezembro de 2000, em uma reunião com especialistas norte-americanos sobre o Brasil, reunidos para definir o estado dos estudos brasileiros no Estados Unidos, reunião esta patrocinada pela Embaixada Brasileira em Washington DC, o professor e historiador Frank McCann anunciou a morte do Brazilianista. Essa morte foi divulgada pela mídia brasileira através de um artigo publicado em vários lugares pelo atual embaixador nos Estados Unidos, Antônio Rubens Barbosa.

De acordo com McCann, o termo *brazilianista* é útil apenas para descrever os pesquisadores estrangeiros que tinham acesso aos documentos governamentais e podiam entrevistar pessoas que não estavam disponíveis aos pesquisadores brasileiros durante a era da ditadura militar, sobretudo nas décadas de 60 e 70. Muitos desses pesquisadores (*brazilianistas*) tinham um status extraordinário dentro e fora do Brasil, por sua contribuição ao revelar uma sociedade marcada pela instabilidade política e enormes perdas quanto aos direitos civis. No século XXI, a situação política do país já não é a mesma e o termo não tem mais validade. Como então designar esses pesquisadores estrangeiros cujo trabalho é disseminar informações sobre o Brasil? Qual é o valor das atuais pesquisas sobre o Brasil e quem é a audiência desejada? O que significa hoje estudar o Brasil? Tais conceitos e questões têm obviamente diferentes significações para pesquisadores e professores, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

A BRASA (Associação de Estudos Brasileiros) está comemorando seu décimo aniversário neste ano e creio que é chegado o tempo de refletir sobre o papel da organização tanto dentro do Brasil quanto fora dele. Muitas vezes polêmica, a BRASA tem se estabelecido como um participante maior no desenvolvimento dos estudos brasileiros. Eu agradeço muito à Comissão Organizadora da ABRALIC por oferecer-me esta oportunidade para avaliar o papel da BRASA como uma organização interdisciplinar estabelecida fora do Brasil e dedicada exclusivamente aos estudos brasileiros. Durante estes dez anos a BRASA foi objeto de muitas críticas e controvérsias. Cito como exemplo o artigo da revista VEJA, de 9 de setembro de 1998, em que Carlos Graibe<sup>1</sup> considera que os estudos brasileiros nos Estados Unidos, de caráter interdisciplinar e cultural, são inferiores às pesquisas dedicadas às “disciplinas puras” num sentido positivista. No momento, a BRASA passa por um processo de uma profunda reorganização de seu projeto para alterar seus estatutos e redefinir sua missão.

Participo do Comitê Executivo da BRASA desde 1994. Em 1998, fui eleita vice-presidente da organização e fui também sua presidente de 2000 a abril de 2002. O presidente atual é o professor James N. Green da Universidade Estadual de Califórnia, Long Beach e neste momento faço parte do Comitê Executivo, onde deverei permanecer até 2004. A estrutura organizacional da BRASA inclui o Comitê Executivo, cuja função é servir como uma Diretoria para prover assistência administrativa e fiscal. O Comitê Executivo também coordena os núcleos temáticos e nomeia os novos participantes e elege o Diretor Executivo. Este, que é também o chefe do secretariado, administra a listserv e a web page. Ele é também responsável pelas finanças cotidianas e pelo setor de Desenvolvimento da BRASA.

Penso que estes oito anos de trabalho têm me proporcionado uma oportunidade bastante especial para revelar uma compreensão daquilo que a BRASA foi nos seus inícios e daquilo em

---

<sup>1</sup> GRAIBE, Carlos. Estudos brasileiros. *VEJA* 129-130. 09/09/98. .

que ela se encontra envolvida neste momento. Mudar de objetivos não é fácil. Na maioria das vezes faz surgirem muitas frustrações; no entanto, o que pode parecer uma tarefa ingrata pode se revelar bastante desafiadora e compensadora.

Esta comunicação trata do papel da BRASA, uma organização cujos associados se encontram nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. Os associados da BRASA provêm dos mais diferentes ramos de estudos, sejam eles lingüísticos, literários, culturais, sociológicos, históricos e se inter-relacionam em ramificações de ordem política, econômica e histórica, inerentes à natureza dos estudos interdisciplinares. É da maior importância a necessidade de mediar o objetivo original dos fundadores da BRASA (promover o estudo do Brasil no mais variados níveis) e as necessidades do grupo a que a organização no momento serve (são os brasileiros hoje que representam a maior porcentagem dos associados da BRASA). Qual é neste momento a missão da BRASA e como a organização pode mediar as demandas e desejos de estudiosos norte-americanos que pesquisam o Brasil (e, em menor escala, os pesquisadores europeus) e as diferentes perspectivas dos associados brasileiros?

### **A história da BRASA**

Neste momento, uma pequena história da organização é necessária. A Associação de Estudos Brasileiros nasceu de duas fontes diferentes. A primeira se refere a um encontro nacional ocorrido em 1984 em conjunção com um encontro da MLA (Associação de Línguas Modernas), em Washington. O Primeiro Encontro de Professores de Português juntou aproximadamente 300 estudiosos interessados pela língua e pela literatura luso-brasileira numa reunião da qual também participaram vários artistas, escritores e músicos, do Brasil e de Portugal. O encontro incluiu uma série de debates, painéis e atividades culturais. A reunião foi patrocinada em parte pela National Endowment for the Humanities dos Estados Unidos (NEH). O surpreendente e enorme interesse pelo Brasil, manifestado por todos os participantes, foi fundamental para determinar a direção das

medidas subseqüentes. O resultado imediato desse encontro incluiu a realização de vários seminários de verão, promovidos pela Seção de Estudos Brasileiros do Instituto Latino-Americano da Universidade de New México (1983, 1985), também patrocinados pelo NEH e por dois Grupos de Projetos no Estrangeiro do Departamento de Educação dos Estados Unidos, com viagens ao Brasil para os participantes (1984, 1986), que tinham como objetivo o treinamento de hispanistas americanos em estudos brasileiros. Como respostas a essas atividades, surgiram duas associações, voltadas para os estudos do Brasil: a Northeastern Association of Brazilianists (NAB) e a Midwestern Association of Brazilianists (MAB).

A segunda fonte surge de um longo convívio com a Latin American Studies Association, que continua até os dias presentes. Mediando as diferenças, continua a existir um processo sempre em andamento entre a LASA e a BRASA, especialmente entre aqueles membros interessados pelo Brasil. Se lembrarmos que a BRASA de início foi uma forma de unir os estudiosos envolvidos com a pesquisa interdisciplinar sobre o Brasil, a oportunidade de realizar congressos que fossem abertos aos estudos interdisciplinares era bastante atraente. Considerando-se que não existem mais que quatrocentos estudiosos nos Estados Unidos que trabalham sobre o Brasil, a possibilidade de organizar esses congressos devotados exclusivamente ao Brasil não é apenas factível, mas também muito incitadora. Muitas associações acadêmicas nos Estados Unidos oferecem de um a três encontros, com realização de painéis sobre áreas específicas dos estudos brasileiros. Os pesquisadores nem sempre podem participar de todas as sessões, pois elas são agendadas ao mesmo tempo em que as disciplinas acadêmicas são ministradas. Em 1992, pesquisadores como Roberto Reis, Donald Ramos, Ted Reidinger e Jon Tolman começaram a conceber uma nova associação que estivesse voltada exclusivamente para tópicos referentes aos estudos brasileiros. Com a ajuda financeira e organizacional da LASA, o primeiro encontro da BRASA foi realizado em conjunto com o Congresso da LASA em 1994, em Atlanta, no estado

da Geórgia. Desde 1995, a BRASA se transformou numa organização sem fins lucrativos, criou a primeira listserv dirigida com exclusividade aos estudos culturais brasileiros e construiu sua própria web page com o endereço <http://www.brasaus.org>. A organização também realizou seis congressos, quatro nos Estados Unidos, um na Europa e um no Brasil. É interessante lembrar que o sétimo congresso será realizado no Brasil. O conjunto de seus associados tem crescido a cada ano, perfazendo no momento um total quase dois mil.

### **A finalidade da BRASA**

Como observei anteriormente, a BRASA começou como uma associação interdisciplinar para reunir pesquisadores norte-americanos, cujo objeto de investigação era o Brasil, a fim de promover um fórum onde aqueles estudiosos pudessem debater e compartilhar seu trabalho. Desta forma um dos seus objetivos inicialmente era cuidar dos interesses de nossa pequena comunidade. Nossa missão era muito ampla mas alguns de seus mais interessantes aspectos incluíam o desejo de: 1) proporcionar uma compreensão mais abrangente e profunda do Brasil para a comunidade estrangeira e encorajar o ensino da língua portuguesa; 2) promover a abordagem multidisciplinar na pesquisa acadêmica e procurar promover também a divulgação das pesquisas; 3) incentivar o estabelecimento de programas de estudos brasileiros interdisciplinares naquelas instituições de educação secundária e superior onde eles não existissem; 4) encorajar a pesquisa cooperativa entre brasileiros e colegas não brasileiros e facilitar as relações entre americanos, europeus e brasileiros, bem como as relações entre outras universidades e agências de fomento. Para atingir tais objetivos, a BRASA atualmente mantém laços institucionais entre a LASA (the Latin American Studies Association), a AATSP (the American Association of Teachers of Spanish and Portuguese), a APSA (the American Portuguese Studies Association), a ANPUH (A Associação Nacional de História), e a ANPOLL (a Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Quando se verifica, no

entanto, o conjunto de nossos associados atuais, pode-se concluir pela real necessidade de uma organização interdisciplinar que combine as necessidades dos pesquisadores estrangeiros com as necessidades dos pesquisadores brasileiros, de maneira especial. Como pode a BRASA lidar com essas novas e diferentes necessidades? Podemos nós compreendê-las realmente e trazer estas novas idéias para a linha de frente?

No meu modo pessoal de analisar a questão, penso que as necessidades dos estudiosos norte-americanos, europeus e brasileiros são um pouco diferentes das necessidades daqueles que realizam suas pesquisas dentro do Brasil. Enquanto os brasileiros podem não precisar de nós para identificar, interpretar e classificar os dados pesquisados, na maioria dos casos, nós, pesquisadores estrangeiros, necessitamos dos brasileiros para interpretar os acontecimentos, histórias e idéias que dão forma à realidade brasileira.

Portanto, a idéia de que somente o brasilianista tinha acesso a informações exatas sobre o Brasil revela-se como ultrapassada, se é que algum dia ela foi realmente incontestável. Os brasileiros têm um conhecimento direto da realidade e nós precisamos tomar conhecimento dessa realidade através da leitura de seus estudos. “Os pesquisadores estrangeiros não são mais os únicos intérpretes da realidade brasileira e eles devem reconhecê-lo. [Atualmente] o trabalho acadêmico sobre o Brasil realizado por estrangeiros tomou suas exatas proporções ao lado do trabalho feito pelos brasileiros: é um trabalho complementar na melhor das hipóteses. Sem levar em consideração a qualidade dos trabalhos, a pesquisa estrangeira tem hoje pouca chance de receber a aclamação acrítica que em anos anteriores recebeu. Os melhores pesquisadores brasileiros contemporâneos igualam-se aos estrangeiros de primeira linha e produzem muito,

tanto em quantidade como em qualidade. Há muito mais pesquisadores brasileiros do que estrangeiros em qualquer campo de estudos brasileiros que possamos examinar.”<sup>2</sup>

Da mesma forma, os pesquisadores brasileiros devem estar conscientes do rico material produzido fora do país. É necessário também que os pesquisadores e professores brasileiros levem em consideração o público-alvo ao qual os pesquisadores estrangeiros se dirigem. Os Estados Unidos, por exemplo, ainda sofrem do mal-estar característico do século XIX de considerar a Europa como fonte de toda a verdade e beleza. Como um país, nós não podemos reconhecer a existência de nossa própria personalidade multicultural, com raízes na África e na América Latina. A verdade, contudo, é que existe muito pouco conhecimento sobre a América Latina ensinado aos estudantes do ensino fundamental e do segundo grau (elementary and high school). Como professores universitários, nós temos que educar os estudantes em termos gerais antes de iniciar estudos que sejam mais específicos. Se usarmos a minha área de trabalho, ou seja, a literatura e os estudos culturais, como exemplo, vocês podem imaginar o tamanho da dificuldade que seria tentar estudar o romance *Macunaíma* com uma audiência totalmente desinformada da história brasileira, da história literária, das práticas culturais, e com um conhecimento do português ainda bastante rudimentar. Imaginem também para mim o que poderia ser discutir *Macunaíma* com outros colegas que tivessem um perfeito conhecimento das áreas a que me referi. Raramente isso acontece para nós que trabalhamos fora do Brasil. As reuniões da BRASA nos oferecem uma ocasião para discutirmos nossas pesquisas, trocar experiências e idéias e avaliarmos o que está acontecendo em outras partes do mundo.

Benefícios mútuos podem certamente incluir o intercâmbio de informações, de publicações, de professores visitantes e iniciativas de colaboração, que é o que a BRASA está tentando fazer.

---

<sup>2</sup> TOLMAN, Jon. Disponível em <http://www.brasaus.org/Fagulha>.

## **O futuro da BRASA**

Como vimos, a BRASA foi originalmente pensada para auxiliar os estudiosos norte-americanos cujo trabalho focalizava qualquer aspecto do Brasil. Na sua primeira fase a BRASA constituía-se num encontro pequeno e amigável de pesquisadores que ajudaram a estabelecer uma listserv eletrônica e construíram uma web page. Os primeiros estatutos dedicavam pouco espaço para os membros da diretoria e do comitê executivo vivendo fora dos Estados Unidos. Nós criamos, no entanto, uma posição para nossas “liaisons” brasileiras. Por volta de 1998, nossos estatutos foram modificados para aumentar o número de membros do Comitê Executivo eleitos pela associação de seis para oito, encorajamos os associados brasileiros a participarem da Diretoria e incentivamos a inscrição de novos associados provenientes das mais diferentes áreas disciplinares.

Depois do encontro realizado em Recife e em resposta a muitas queixas depois do encontro em Washington em 1998, o Comitê Executivo decidiu fazer reuniões bianuais separadas daquelas realizadas durante os congressos. Isso foi decidido com a finalidade de facilitar o trabalho do secretariado e do diretor executivo e, o mais importante, para desligar a organização de qualquer laço com o governo brasileiro. Se a BRASA deve funcionar como um espaço para o debate acadêmico, ela tem que permitir um diálogo franco e aberto. Uma subordinação à política brasileira de uma forma oficial representava uma questão problemática para a maioria dos associados brasileiros e para muitos dos outros membros, sobretudo nas questões financeiras. Certas decisões foram tomadas sem o conhecimento de toda a diretoria e sem consulta aos associados brasileiros. Tenho certeza de que esses fatos não ocorrerão novamente no futuro, mas como um meio de salvaguardar alguns princípios, nossos regulamentos estão sendo reestudados. Se tais fatos ocorreram, não podemos, no entanto, condena-los a priori, pois nenhuma associação pode sobreviver sem uma sustentação financeira. Hoje o único dinheiro que a BRASA tem

provém do pagamento de anuidades e de inscrições em congressos e da Universidade de Novo México que fornece à entidade uma sala, o pagamento de uma secretária em tempo parcial e de contas de gás, luz, telefone e um servidor para a webpage.

Em resposta a preocupações relativas a financiamento de nossos associados brasileiros de irem aos congressos da BRASA, o Comitê Executivo está ativamente trabalhando para estabelecer uma revista interdisciplinar a ser publicada pela BRASA, que, esperamos, aparecerá num futuro bem próximo. Até a data presente, pelo menos nove livros foram publicados nos Estados Unidos e no Brasil, em vários campos com as comunicações apresentadas nos congressos da BRASA. Essas publicações contêm os melhores exemplos da natureza interdisciplinar e inter-institucional do trabalho feito pelos associados da BRASA. Anais dos congressos com textos selecionados por uma comissão estão disponíveis em livros e em CD ROMs. Este ano a BRASA e a Universidade Federal Fluminense instituíram prêmios em dinheiro e em publicação de livros para as melhores comunicações apresentadas no Congresso de 2002. A associação também está a caminho de estabelecer-se como uma fonte financiadora de pesquisa.

O Departamento de Desenvolvimento da BRASA é aquela parte da entidade que tem sob sua responsabilidade a promoção de recursos materiais secundários e pós-secundários para o estabelecimento dos estudos brasileiros nos Estados Unidos. Até o presente esse departamento tem trabalhado como consultor em estreita colaboração com o convênio entre o Departamento de Educação dos Estados Unidos e a CAPES, o qual distribui bolsas para estudos secundários e de graduação no Brasil e nos Estados Unidos (FIPSE/CAPES).

O departamento está desenvolvendo um banco de dados para estudos brasileiros nos Estados Unidos, incluindo-se aí aquelas instituições onde o português é ensinado. Esse departamento também está coletando dados para auxiliarem os professores a divulgar

informações corretas sobre o Brasil e o seu impacto social, cultural, econômico e político no mundo.

A listserv da BRASA é provavelmente a mais segura fonte de informação sobre os estudos culturais brasileiros no momento. Em seu trabalho de divulgação ela funciona como uma exposição de publicações, filmes, reuniões, anúncios diversos e oportunidades de trabalhos, entre outras coisas. Ao mesmo tempo, a listserv recebe muitas críticas e muitos elogios; ela está sempre lá, se alguém tiver necessidade de consultá-la e tem a vantagem de não ser restrita apenas aos associados.

O último encontro da BRASA trouxe para a linha de frente das discussões a questão referente à sua razão de ser. Houve debates abertos em várias reuniões que se centraram na verdadeira natureza da associação. O comitê executivo e os associados examinarão e mediarão os conflitos que surgirem das diferentes necessidades de seus associados. Será que a organização deve manter o seu foco como uma associação devotada essencialmente às necessidades e preocupações dos pesquisadores nos Estados Unidos ou deveria ela estudar esse foco para oferecer diferentes oportunidades aos nossos colegas brasileiros? Pode-se fazer as duas coisas ao mesmo tempo? Quem abrigará o secretariado em 2004? Nós ainda devemos manter um departamento de desenvolvimento devotado exclusivamente ao ensino do português?

Todos podemos concordar que depois de dez anos e seis congressos acadêmicos a BRASA realmente existe. De que forma poderemos fazer com que a associação tenha mais um caráter inclusivo e não exclusivo? O brasilianista está morto. Mas vamos saudar as novas gerações de pesquisadores que desejem realmente trabalhar de forma cooperativa uns em relação aos outros.

Tradução: Lauro Belchior Mendes e Susan Canty Quinlan